



**Vitorino
Nemésio**

Varanda
de Pilatos

A Casa
Fechada

**Vitorino
Nemésio**

Obra Completa

Varanda de Pilatos

Romance

[1927]

Capítulo I

O carro do Trigueiro e as circunstâncias dele.

Quando minha mãe me acordou, o dia despontava. Uma luz cor de anil, desta que não força o casulo negro da noite mas subtilmente se escoa pelos fiapos das nuvens, tingia a claraboia do meu quarto, a qual, de vidro fosco, parecia subir ao céu como um caixão de menino. E, roufenhos, no nosso poleiro e nos vizinhos, cantavam os galos tão chocamente a alvorada que a rede da névoa e a do canto pareciam fundir-se numa.

— Anda, Venâncio! — disse minha mãe, ao sacudir-me. — Não durmas, que o Trigueiro ficou de vir às seis em ponto.

Era o dono do carro que nos levaria à Cidade¹, para onde eu ia estudar. E, à voz de minha mãe, mais suave que nunca naquele dia, comecei por erguer a vira do lençol, dispondo-me a saltar. Mas o sono, a teimosia dos galos corneteiros e a mágoa de me ir, detiveram-me; virei-me caramunhando na cama até que meu pai se acercou:

— Mexe-te, homem de Deus; mexe-te, que são horas!

1 Toda a ação deste romance se passa na ilha Terceira, tendo o autor substituído a generalidade dos topónimos nela referidos, incluindo o da própria ilha, por outros inventados ou caídos em desuso. Assim, «ilha de Cristo» é um dos nomes históricos da ilha Terceira, ainda usado em determinadas circunstâncias; a «Cidade» é Angra do Heroísmo; «Vilório», a então Vila da Praia da Vitória (hoje cidade), terra natal de Nemésio; etc. Sempre que é possível identificar ou conjeturar um topónimo da ficção com a sua referência real, esta é assinalada em nota. [NE]

Então abri a boca e recostei-me na cama. Solícito, meu pai acorreu pouco após com um copo de cacau rescendente e uma fatia de pão leve, que ainda no choco sofregamente ingeri. E comecei a vestir-me.

Contíguo ao meu quarto ficava o de jantar, onde um relógio, alto de duas caixas redondas, marcava as horas com seu ponteiro agudo. A mesa elástica, trabalhada por mãos de meu avô, mostrava embrulhos e sacos de papel com rebuçados e *sonhos*; polvilhos de açúcar chamavam uma caravana de formigas, e viam-se os livros que meu pai comprara em segunda mão, esbeiçados.

Já uma claridade mais clara embebia as janelas da rua quando minha mãe, borrifado o braseiro do velho fogão de pedra, veio ultimar o arranjo do baú. Era um traste de grande estimação, cuja tampa se abria contra cadeiras de mogno. Já tinha dentro uns seis lençóis e toalhas, as bragas de atilho e as camisas, além doutras miudezas dum enxoval de estudante; e, considerando o precioso recheio, lembrei-me da Luisinha, gorducha de olhos azuis e fala mansa, que passara o inverno em nossa casa talhando e pedalando à máquina. Nem parece senão que a estou vendo: era boa mulher e muito prendada de mãos.

— Olha — disse minha mãe, que ia e vinha do guarda-roupa para as gavetas da cómoda; — não metas a trazer as calças cor de canela, que vão na canastrinha.

E, erguendo os lenços de algibeira, expô-las, dobradinhas e bem passadas a ferro, com a sua alheta que ainda ostentava um posponto. Eu porém não lhe prestava atenção, mergulhado na dor de me alongar, tão cedo, daquela casa que ainda falava à minha alma em lobisomens e anões. Acudiu meu pai admoestando-me, mas a sua lógica refragava no sentimento, em toda a dura verdade de separação tão custosa. Pregou-me:

— És tolo! Olha que não vais para a América! Podes saber de nós todos os dias...

E, porque o meu pranto redobrasse a estas falas, embora mansamente, meu pai puxou-me para si, e, mais paternal, continuou:

— Não chores, homem; não chores! Pois não gostas de aprender para chegares a médico, para te fazeres um homem às direitas? Olha que Vilório é uma terra pequena, não dá futuro a ninguém... Vês o Tobias, que fez o segundo exame contigo, no que está?! Numa venda, a pesar barras de sabão azul! Gostavas?

Tinha-me calado a pouco e pouco, sentado nos joelhos de meu pai, que, mau grado os treze anos que eu perfizera em dezembro, não perdera o costume de me cobrir de beijos. A nada redargui. Mas, como lhe não parecesse convencido de tão soberanas verdades, continuou entretanto:

— Bem sei que o pai do Tobias é pobre, não pode mandá-lo estudar... Também eu não sou rico! Temos o pouco que herdei e alguns vinténs ganhos com muito suor, desde os doze anos, ao balcão do Ferreira. Mas, ainda que eu saiba de ficar sem camisa, há de estudar. Há lá nada melhor!

— Ora! Também aqui vivia, debaixo das nossas telhas... — observou minha mãe, cujo instinto materno continha mais ternura do que previdência e coragem.

Meu pai repreendeu:

— Não digas tolices, mulher!

Declarou ela então que gracejara, forçou um riso animoso, mas parecia manter no íntimo o critério contrário a apartamentos. Tinha os olhos inchados de chorar, e as mãos suaves, curtas, atestavam as tarefas penosas da lavandaria e do forno.

Era uma mulher trabalhadeira, uma prenda, — designações estas do preçário de meu avô Venâncio, que, viúvo, vivera sob os

A Casa Fechada

Novelas

[1937]

O Tubarão

I

A praia parecia coberta de papoilas — para-sóis encarnados e brancos, às riscas, outros desenhados com labirintos verdes sempre de fundo branco, e todos de umbela vibrante ao bafo da nortada — quando Zilda atravessou a estrada em roupão e desceu o escadote de pinho que facilitava o acesso pela barreira às barracas. Do lado de lá eram as casas. A estrada, sem rega, levantava rabanadas de pó à passagem dos automóveis. A barreira estava pespontada à orla do caminho por uma colcha de gordo mesembriântemo cinzento da terraceira. Por baixo, bueiros enormes, babados de salsugem, vertiam a certas horas um líquido de pivete insuportável. Mas o norte varria tudo; as grandes guinadas da maré cheia salvavam a praia e impregnavam-na.

Em fato de banho por baixo do roupão felpudo Zilda descia devagar, com a toalha e o saco do trabalho num braço e ambos fletidos na operação ociosa de compor o cabelo irrepreensível. Ao pé da barraca deixou cair o roupão como Vénus a onda em que aportou, dependurou o saco num prego do toldo e tirou de dentro um livro. Estiracou-se.

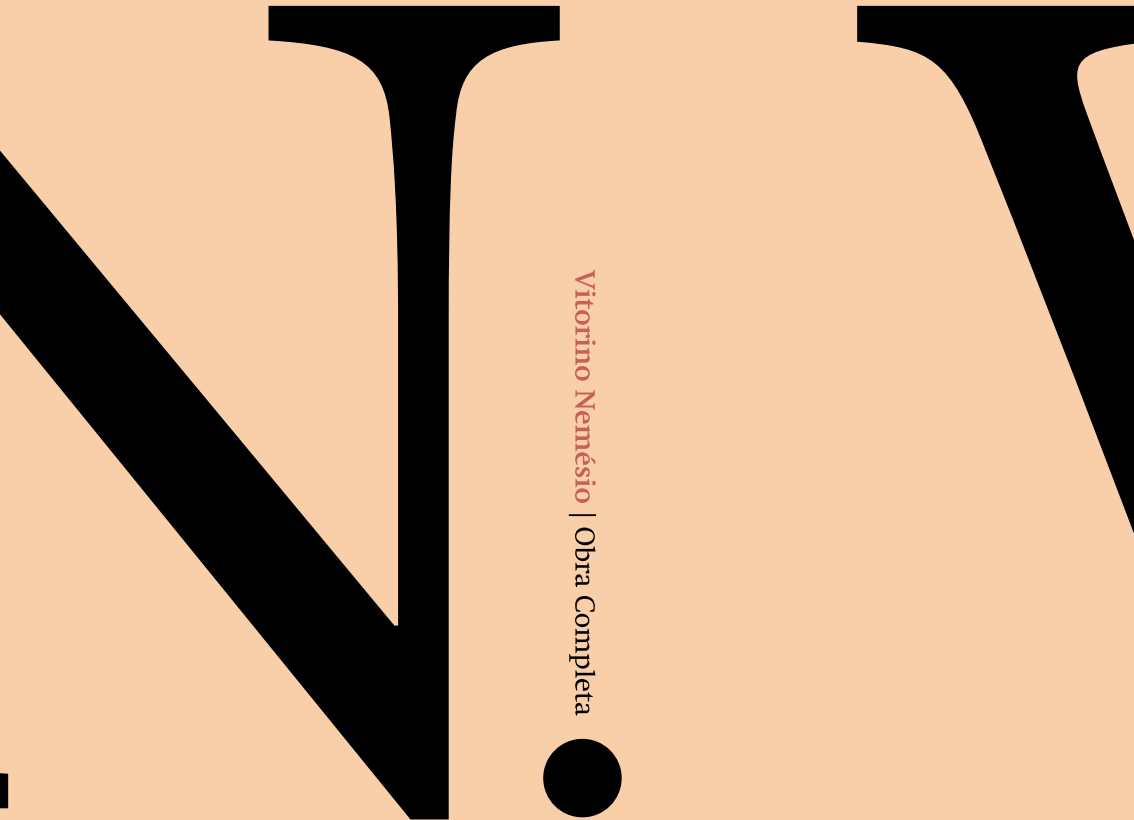
Era o fato de banho preto, com aberturas para as vazias, a que tanto custara a decidir-se antes de sair de Lisboa pelo comboio de Oeste. Não tinha enfeite nenhum. O decote chegava pela frente à raiz dos seios e, por detrás, recortava uma duna de pele dourada, ligeiramente mais negra na carne que na penugem. As coxas ficavam perfeitamente vazadas e decentes. Calçava sandálias cruas com ilhós e corda a atacar.

O livro era um romance de capa amarela protegida por uma pasta de cretone, e em francês. Alice amava Charles. Charles tinha uma conduíte cinzenta. Numa regata, Jean Brou, amigo de Charles, declarava-se a Alice e comiam bombons gelados. Depois, os dois rapazes partiam juntos para Marrocos, Jean Brou fazia-se aviador e ganhava uma taça à cabriola. Charles era filho de um fabricante de armas, e havia em torno disso uma certa complição de dinheiros e conveniências, de que Zilda não estava lembrada sem voltar ao segundo capítulo — o que ainda tentou, mas era uma maçada. Precipitavam-se as coisas. Alice caía nos braços de Jean Brou numa tarde em que estavam a experimentar forças; Charles desconfiara, rompera e partira. Brou morria num desastre de acrobacia — e ia-se agora ver se Charles casava ou não.

Durante um quarto de hora o livro esteve aberto na mão esquerda de Zilda, de ventre encostado à areia já quente do sol rodando no arco do meio-dia. Bichinhos de ferrão subtil, que pareciam nascer da maré, vinham experimentar-lhe a resistência das costas cada vez mais douradas acima da malha de lã. A rede do calor não cedia. Zilda passou a toalha turca aos ombros, e, enfasiada do romance, toda aquecida, levantou os olhos de páginas cento e noventa e recebeu em cheio o estímulo da água. Um vento mareiro fazia trapejar as folhas da brochura e escoava grãosinhos de areia luzentes de mica nos parágrafos. De pé, Zilda fez pala com a história de Charles e Alice e pelos olhos correu-lhe um rápido clarão de desfastio:

— Nuno! Nuno! — (em duas notas, ré-lá...)

Um rapaz, que parecia estudar a temperatura da maré com avançadas da planta do pé direito em círculo, olhou para trás, acenou e largou em acelerado. Trazia também uma toalha enro-



Vitorino Nemésio | Obra Completa



N I M P R E N S A
N A C I O N A L



COMPANHIA
DAS ILHAS